

Os bebês do mundo ou O mundo dos bebês

Regina Orth de Aragão¹

O filme *Bebês* parece querer vir confirmar, com imagens que falam por si, que não há uma maneira única de se criar um filho. E também que não há uma maneira única para um bebê de atravessar as várias etapas e percalços do primeiro ano de vida, desde o estado inicial de nebulosa psíquica até chegar à autonomia da marcha, ao início da fala, aos atos de comunicação. Esse tempo tão rápido, somente um ano, é o suficiente ao bebê para passar a habitar psiquicamente seu corpo, expressar sua vontade e perceber a alteridade em suas manifestações mais fundamentais. É nesse tempo que se dá a aventura fabulosa de constituição do psiquismo, que transforma o recém-nascido, ser biológico, no bebê humano, ser social.

O filme-documentário cujo roteiro foi escrito por Alain Chabat e pelo próprio diretor, Thomas Balmès, é um primor de imagens e de emoções. Em quatro países, as câmeras seguiram bebês, do nascimento aos primeiros passos, durante o primeiro ano de suas vidas. O registro começa na Namíbia mostrando a chegada de Ponijao, que vive com a família numa tribo. Nas estepes da Mongólia, nasce Bayarjagal, cujo convívio entre vacas e cabras parece ser bastante natural. Há ainda as garotinhas de cidade grande Mari (Tóquio, Japão) e Hattie (São Francisco, Estados Unidos). Fica clara a intenção do documentarista: não importa em qual lugar do mundo, o bebê cresce, se desenvolve e se humaniza. *Bebês*, convida-nos assim a viajar por quatro culturas muito diferentes, captando os mais engraçados e naturais movimentos, os incidentes únicos e universais dos primeiros meses das nossas vidas.

Temos assim um olhar diverso sobre como os “bebês” são criados no mundo. Enquanto Ponijao, na Namíbia, aprende as primeiras condutas humanas de forma mais livre, Mari e Hattie, no Japão e nos EUA, são acompanhadas em todos os momentos por seus pais. Na Mongólia, Bayarjagal não tem a proximidade tão intensa de sua mãe. É por vezes deixado sozinho, “amarradinho” para não cometer nenhum ato tresloucado na casa dos seus pais, no meio do deserto da Mongólia, cercada por cabras e por uma antena parabólica. O diretor Thomas Balmès não faz juízo de valor com o seu filme, e não pretende demonstrar qual seria o melhor ambiente para um bebê ser criado. Independente do país de nascimento todas as crianças aprendem a se alimentar, a se movimentar, a andar, enfim, a explorar o mundo à sua volta.

Sem narração, texto explicativo ou estrutura narrativa convencional, o documentário, com belíssimas imagens captadas em alta definição, abre uma janela de

1 Psicanalista, mestre em psicologia clínica PUC-SP, professora na PUC-RJ.

observação para essas crianças, sem didatismo científico e sem elucubrações; o que vemos na tela são recém-nascidos descobrindo o mundo à sua volta. Além do crescimento e descobertas das crianças, as peculiaridades culturais são ponto de destaque no filme. *Bebês* relativiza assim a questão dos privilégios e privações. O simples contraste entre realidades tão díspares se encarrega de provocar reflexões no espectador. Talvez alguém que vive no meio urbano sinta certo desconforto ao ver as cenas do bebê africano sendo amamentado em meio ao barro e às moscas. Por outro lado, se pensamentos como esse vêm à tona, da mesma forma somos levados a questionar se o excesso de informação, os dispositivos educacionais, a tecnologia e grupos de orientação para pais não vêm criando no ocidente um grau de ansiedade ligado ao desejo de perfeição, que se torna potencialmente nocivo.

No filme, a câmera estabelece uma identificação com o ponto de vista das quatro crianças, os adultos no filme são figuras secundárias. Mesmo quando interagem com os bebês, a preocupação do realizador é mostrar as reações destes, e por essa sua escolha de filmagem nos coloca na posição de identificação com cada um dos bebês. De certo modo essa proposta lembra o livro de Daniel Stern, *O diário de um bebê*, no qual Stern, colocando-se no lugar de um bebê imaginário criado a partir de suas pesquisas e também de suas experiências como pai, tentou relatar dia a dia as descobertas, as criações, as dúvidas, perplexidades e curiosidades do seu pequeno personagem, Joey (Stern, 2004).

Ao mesmo tempo em que conferimos as quatro diferentes realidades e aspectos curiosos dessas culturas, vemos também alguns traços universais no crescimento e aquisições dos bebês. As frustrações, as alegrias, a exploração de objetos e espaços físicos pelas crianças, são apenas alguns dos vários elementos que compõem a história.

Se o filme nos encanta ao nos transportar para o mundo de bebês nascidos em partes de nosso mundo profundamente diferentes entre si, ao mesmo tempo nos surpreende, podendo até causar estranheza em razão dos distintos modos de criação das crianças em cada um desses grupos culturais. Mas a impressão que vai surgindo pouco a pouco, no interior dessa experiência de surpresa e às vezes de estranhamento, é a da graça de todos esses bebês, e é isso que nos toca, nos encanta, nos ensina também. E de onde vem essa “graça”? Sem dúvida do investimento materno, parental, evidente para cada bebê, em meio a todas as diferenças de seus ambientes. Resta então uma pergunta fundamental: será que faz e fará diferença, para essas crianças, o que o ambiente favorece, restringe, oferece, estimula, a cada uma delas? Como se inscrevem, em cada um desses bebês, essas formas particulares de manejo do corpo, de toque, de olhar, de práticas de restrição ou de liberação dos movimentos, de apresentação ou de oferta dos objetos? Mais ainda, que marcas inscrevem-se em razão da forma como a mãe se dirige a cada bebê, sua voz, o ritmo das interações, a alternância

entre presença e ausência materna? Qual o efeito da presença efetiva e da participação direta dos pais nos cuidados às crianças, evidente nas vidas de Mari e Hattie? O que se transmite de cada cultura durante esse primeiro ano de vida, nessas maneiras específicas de cuidado e de criação dos bebês? Ao acompanhar no filme o primeiro ano de desenvolvimento desses bebês, vamos vendo surgir, uma a uma, as várias etapas que transformam suas maneiras de estar no mundo. Permeando essas etapas e movendo os bebês, está a força da curiosidade de cada um deles pelo mundo que os envolve. Curiosidade e exploração, na medida em que essa lhes é possibilitada em cada ambiente no qual vivem. São esses os pontos de encontro, as semelhanças. Mas olhando melhor, percebemos que cada uma dessas etapas marcantes se apresenta com as características do uso do corpo já assim definidas em cada cultura.

Foi Marcel Mauss o antropólogo que abriu o campo para esse estudo comparativo, ao tratar das “técnicas do corpo”, propondo que não há uma forma “natural” de se servir do corpo, mas sim que ela é determinada por uma tripla ordem de fatores, biológicos, psicológicos e sociológicos. As “técnicas do corpo”, transmitidas de geração em geração e específicas de cada grupo cultural em sua época, “são as maneiras pelas quais os homens, em cada sociedade, de uma maneira tradicional, sabem se servir de seus corpos”. Há aqui a afirmação de que existe uma determinada elaboração das técnicas do corpo própria a cada sociedade, e que seria transmitida de maneira tradicional de geração em geração. Segundo Levis-Strauss (1989), Mauss fez por esse caminho a conexão entre a etnologia e a psicanálise, “para partir à descoberta ‘de estados psíquicos desaparecidos de nossas infâncias’ produtos de ‘contatos de sexos e de peles’”. Era assim que Mauss apontava por exemplo a importância do momento e das modalidades de desmame, ou da maneira como o bebê era manipulado por sua mãe. Foi a preocupação que dominou a etnologia do século XX quanto à relação entre grupo e indivíduo, que inspirou sua comunicação sobre as técnicas do corpo. Ao afirmar o valor crucial, para as ciências do homem, de um estudo da maneira pela qual cada sociedade impõe ao indivíduo um uso rigorosamente determinado de seu corpo, ele destacava que é por meio da educação das necessidades e das atividades corporais que a estrutura social imprime sua marca sobre os indivíduos: “Exercitamos as crianças a dominar os reflexos. Inibimos medos, selecionamos paradas e movimentos” (Mauss, 1934, pp. 22). Esta projeção do social sobre o individual se revela no mais profundo dos usos e das condutas; nesse campo, segundo Mauss, não há nada de fútil ou de gratuito, nada de supérfluo. Sabemos que para Lévy-Strauss o antigo dilema entre psicologia e sociologia de saber se uma sociedade recebe seus caracteres institucionais a partir das modalidades particulares da personalidade de seus membros, ou se essa personalidade se explica por certos aspectos da educação na primeira infância, fica resolvida pela proposição da etnologia segundo

a qual a formulação psicológica é somente uma tradução, no plano do psiquismo individual, de uma estrutura propriamente sociológica.

O filme *Bebês* nos presenteia com essa possibilidade, a de olhar para os bebês “estrangeiros” com olhos de surpresa. Estamos acostumados a pensar nossos bebês segundo nossas normas culturais que, aliás, são elas mesmas cambiantes, e no momento atual, mais do que nunca. Então quando vemos um bebê na terra, quase nu, crescendo e se desenvolvendo bem, perguntamos: são iguais todos os bebês do mundo? São diferentes em quê? Cada um deles, dos Estados Unidos, da Ásia, da África, em que são semelhantes, em que são diferentes? Essa pergunta conduz inevitavelmente à seguinte: em que serão diferentes como adultos, como homens e mulheres? A antropologia oferece suas respostas a essa pergunta, mas nos importaria pensar a questão do ponto de vista da psicanálise, e de sua premissa básica sobre o inconsciente e a importância determinante das primeiras relações. O filme nos leva a refletir sobre como se transmite entre pais e bebês essa essência do que é humano, para além do biológico. Ele mostra o que mais central existe: entre mãe e bebê, o jogo relacional se instaura, marcado pelas representações e normas de cada cultura, e é a partir desse jogo relacional fundador que vai se criar o mundo para a criança.

Referências

- Lévi-Strauss, C. (1989). Introduction à l'œuvre de M. Mauss. In M. Mauss, *Sociologie et anthropologie*. Paris: PUF.
- Mauss, M. (1934). Les techniques du corps. *Journal de Psychologie*, XXXII, (ne), 3-4. (Apresentado na Société de Psychologie em 17 de maio)
- Stern, D. N. (2004). *Journal d'un bébé*. Paris: Odile Jacob.

Regina Orth de Aragão
Rua Engenheiro Alfredo Duarte, 495 | Jardim Botânico
22461-170 Rio de Janeiro, RJ
reginaoa@uol.com.br